



INFORMATIVO APOEMA

Www.apoema.com.br ANO 6 - VOL197- 15/NOV-2014

2ª EDIÇÃO DE NOVEMBRO DE 2014

Encerramentos

Este informativo encerra as atividades quando entra dezembro, portanto, esta penúltima edição deste ano pretende promover algumas reflexões. Foram grandes as mudanças que ocorreram, algumas boas, outras tantas, nem tanto, mas o importante é seguir buscando alternativas, para que possamos enfrentar as nada favoráveis perspectivas para o ano que se aproxima. Então, nada melhor do que nos sensibilizar com muita poesia. Neste ano perdemos grandes nomes da nossa literatura, e na semana que passou, recebemos a triste notícia da passagem de Manoel de Barros, um dos poetas brasileiros que mais tratava da natureza em seus escritos. Com sua forma única, ele dava corpo aos poemas que voavam com as borboletas, cantavam com os pássaros e nos molhavam os respingos de seus pensamentos, que se transformavam em chuva de sensibilidade. Que este poeta nos inspire para fazer deste lugar um mundo melhor para viver, e morrer...

À todos, uma boa leitura e bom proveito!

SUGESTÃO DE ATIVIDADE PRÁTICA

ATIVIDADES COM POEMAS DE MANOEL DE BARROS

Material necessário: 5 folhas grandes de papel pardo, giz de cera, lápis de cor, revistas, tesoura cola, e dois poemas de Manoel de Barros (Poemas disponibilizados no informativo).

Objetivos: Apresentar o poeta Manoel de Barros e promover um momento de criatividade com seus poemas.

Desenvolvimento:

1 Conversar com as crianças sobre poesia e apresentar um pouco da história do poeta Manoel de Barros, conforme os dados a seguir, extraídos do

portal virtual da Wikipédia: Manoel Wenceslau Leite de Barros nasceu em Cuiabá, 19 de dezembro de 1916 - Campo Grande, e faleceu recentemente em 13 de novembro. Recebeu vários prêmios literários, entre eles, dois Prêmios Jabutis. É o mais aclamado poeta brasileiro da contemporaneidade nos meios literários. Sua obra mais conhecida é o "Livro sobre Nada" de 1996. Um ano depois do nascimento do poeta, sua família foi viver em uma propriedade rural em Corumbá. Mudou-se sozinho ainda quando ele era ainda criança para Campo Grande, onde estudou em colégio interno e, mais tarde, para o Rio de Janeiro, a fim de completar os estudos, onde formou-se bacharel em direito em 1941. Embora a poesia tenha estado presente em sua vida desde os 13 anos de idade, teria escrito o primeiro poema somente aos 19 anos. Seu primeiro livro publicado foi "Poemas concebidos sem pecado" (1937), feito artesanalmente por amigos numa tiragem de 20 exemplares mais um, que ficou com ele. Seu trabalho começou a ser valorizado nacionalmente a partir da descoberta deste por parte de Millôr Fernandes, já na década de 1980. A partir daí, ganhou reconhecimento através de vários dos maiores prêmios literários do Brasil, como o Jabuti, em 1987, com "O guardador de águas". (Cada professor adapta o texto para apresentar o autor, como considerar mais adequado.)

Sugere-se fechar a apresentação do autor com este vídeo belíssimo, de quase dez minutos, intitulado: Histórias da unha do dedão do pé do fim do mundo disponibilizado no link: <https://www.youtube.com/watch?v=a-HDwM3jebY>

2 Desenvolvimento da atividade: Após a conversação e a apresentação do vídeo, a professora apresenta (pode ler ou delcarar) dois poemas do autor, e conversa sobre eles com as crianças. Em seguida, divide a turma em cinco grupos e cada grupo escolhe um dos poemas. Os grupos deverão fazer um painel com papel pardo, contendo desenhos, recortes de figuras e palavras que representem o poema. 3 Fechamento da atividade: Após finalizados os painéis, conversar com a turma sobre o conteúdo apresentado em cada painel.

Avaliação: Se houver uma participação efetiva do grupo na atividade, e se as crianças conseguirem relaxar, os resultados são considerados satisfatórios.

Bere Adams





O nosso Zoom nas notícias Manoel de Barros, um "Ser Letral" Bosco e o amigo Manoel.

“Deixa o Manoel partir meu pai, ele tem o ‘dão’”. O Manoel sempre que contava essa história abria um largo sorriso. Lembrava da sensibilidade do irmão mais “simpão” que decretou sua sina poética.

Na fazenda do Pantanal, o pai ainda imaginava o que seria daquele menino sempre “avoado das coisas e do lugar”. O conselho do irmão mais velho foi quem deu senha para que o menino do mato fosse estudar em colégio interno.

Stella, o único amor de sua vida, sinalizou ao telefone inconformada que o poeta não estava bem: “Anda muito fraquinho. Não é justo o que tá acontecendo com ele, Bosco”, se queixava ela; nos emocionamos. Percebi que a coisa era séria quando Martha, a filha, enviou-me o email: “Gostaria de pedir, se for realmente nosso amigo, para respeitar nosso silêncio. O momento não esta propício a visitas. Obrigada, bjs.”

Havia mais de um ano que não visitava o poeta. Ele estava disponível somente para a família e mantinha-me informado de sua saúde através de Stella e de Martha.

O cara meio desligadão que conheci há anos e que, na maioria das vezes, de tão concentrado ficava produzindo inutilidades, parecia agora querer desligar de vez.

Relembrei, quando reuníamos em sua casa para praticarmos o ócio e ouvir as histórias que gostava de contar. Eram tempos de sua juventude estudantil no Rio de Janeiro. Tempos da ditadura Vargas. A convite do amigo Apolônio de Carvalho, entrou no PCB.

Numa manifestação de apoio do partidão de Prestes ao governo Vargas, se desencantou e se desligou da política. Não sem antes sofrer perseguição. Foi no Pantanal que buscou refúgio da polícia de Vargas que havia encontrado em seu quarto de pensão, material para provar sua militância comunista. O material era seu único livro inédito e até hoje desaparecido. “Nossa Senhora da Minha Escuridão”.

O poeta, que nunca misturou poesia e política, se divertia em contar ser aquele seu livro mais religioso.

Sobre a morte, um dos temas mais recorrentes em perguntas que lhe eram enviadas, Manoel evitava responder, não falava quase nada sobre ela. Quando morria alguém, um parente, um amigo, ou mesmo um conhecido seu, nunca questionava, nunca analisava. Para o poeta “como o nascer, morrer também é natural, não tem mistério”.

Destá forma também lidava com as doenças, notícias ruins, etc, nunca reclamava de nada.

Outro diálogo sobre a morte e idade ocorreu alguns anos antes da minha última visita. O poeta completará mais um ano de idade. Estava bastante amargurado

-Não sei por que a morte não me leva logo. Vou acabar senil.

-To velho demais só penso em morte, morte, morte!!!

- A velhice é uma merda!! Não consigo mais escrever!!

Só agora percebo ter sido aquele nosso último encontro. Talvez naquele dia eu o teria amado mais, abraçado mais. Como numa crônica de Clarice, em que a vida é para ser

intensamente vivida. E o poeta viveu até a última gota. Mas agora, temos que nos acostumar ao ser “letral”. O Manoel agora desvive de seu ócio criativo. Sem mais suas novas palavras. Fonte: <http://www.campograndenews.com.br/lado-b/artes-23-08-2011-08/manoel-de-barros-um-ser-letral>



PANTANAL - O Complexo do Pantanal, ou simplesmente Pantanal, é um bioma constituído principalmente por uma savana estépica, alagada em sua maior parte, com 250 mil km² de extensão, altitude média de 100 metros, situado no sul de Mato Grosso e no noroeste de Mato Grosso do Sul, ambos estados do Brasil, além de também englobar o norte do Paraguai e leste da Bolívia (que é chamado de chaco boliviano), considerado pela UNESCO Patrimônio Natural Mundial e Reserva da Biosfera, localizado na região do Parque Nacional do Pantanal. Em que pese o nome, há um reduzido número de áreas pantanosas na região pantaneira. Além disso, tem poucas montanhas, o que facilita o alagamento. Fonte: Wikipédia



MILITÂNCIA COMUNISTA DE MANOEL DE BARROS - O escritor teve sua fase de militância política, engajou-se no Partido Comunista, e deixou de ser preso graças ao seu primeiro livro, que não chegou a ser publicado, pois a única cópia foi confiscada por um policial no lugar do jovem Manoel. Mas abandonou o Partido quando se desapontou profundamente com Prestes. Neste momento, decidiu voltar para o Pantanal. Fonte: Infoescola.



OBRAS DE MANOEL DE BARROS - Fonte: Wikipédia

1942 — Face imóvel

1956 — Poesias

1960 — Compêndio para uso dos pássaros

1966 — Gramática expositiva do chão

1974 — Matéria de poesia

1980 — Arranjos para assobio

1985 — Livro de pré-coisas

1989 — O guardador das águas

1990 — Gramática expositiva do chão: Poesia quase toda

1993 — Concerto a céu aberto para solos de aves

1993 — O livro das ignoranças

1996 — Livro sobre nada

1996 — Das Buch der Unwissenheiten - Edição da revista alemã Akzent

1998 — Retrato do artista quando coisa

2000 — Ensaios fotográficos

2000 — Exercícios de ser criança

2000 — Encantador de palavras - Edição portuguesa

2001 — O fazedor de amanhecer

2001 — Tratado geral das grandezas do ínfimo

2001 — Águas

2003 — Para encontrar o azul eu uso pássaros

2003 — Cantigas para um passarinho à toa

2003 — Les paroles sans limite - Edição francesa

2003 — Todo lo que no invento es falso - Antologia na Espanha

2004 — Poemas Rupestres

2005 — Riba del dessemblat. Antologia poética — Edição catalã (2005, Lleonard Muntaner, Editor)

2005 — Memórias inventadas I

2006 — Memórias inventadas II

2007 — Memórias inventadas III

2010 — Menino do Mato

2010 — Poesia Completa

2011 — Escritos em verbal de ave

2013 — Portas de Pedro Viana



O MENINO QUE CARREGAVA ÁGUA NA PENEIRA

Manoel de Barros

Tenho um livro sobre águas e meninos.
Gostei mais de um menino
que carregava água na peneira.
A mãe disse que carregar água na peneira

A mãe disse que era o mesmo que
catar espinhos na água
O mesmo que criar peixes no bolso.
O menino era ligado em despropósitos.
Quis montar os alicerces de uma casa sobre orvalhos.

A mãe reparou que o menino
gostava mais do vazio
do que do cheio.
Falava que os vazios são maiores
e até infinitos.
Com o tempo aquele menino
que era cismado e esquisito
porque gostava de carregar água na peneira
No escrever o menino viu
que era capaz de ser
noviça, monge ou mendigo
ao mesmo tempo.

O menino aprendeu a usar as palavras.
Viu que podia fazer peraltagens com as palavras.
E começou a fazer peraltagens.
Foi capaz de modificar a tarde botando uma chuva nela.

O menino fazia prodígios.
Até fez uma pedra dar flor!
A mãe reparava o menino com ternura.

A mãe falou:
Meu filho você vai ser poeta.
Você vai encher os
vazios com as suas peraltagens

e algumas pessoas
vão te amar por seus despropósitos.

A MENINA AVOADA

Manoel de Barros

Foi na fazenda de meu pai antigamente
Eu teria dois anos; meu irmão, nove.

Meu irmão pregava no caixote
duas rodas de lata de goiabada.
A gente ia viajar.
As rodas ficavam cambaias debaixo do caixote:
Uma olhava para a outra.

Na hora de caminhar
as rodas se abriam para o lado de fora.
De forma que o carro se arrastava no chão.
Eu ia pousada dentro do caixote
com as perninhas encolhidas.
Imitava estar viajando.
Meu irmão puxava o caixote
por uma corda de embira.
Mas o carro era diz-que puxado por dois bois.

Eu comandava os bois:
- Puxa, Maravilha!
- Avança, Redomão!

Meu irmão falava
que eu tomasse cuidado
porque Redomão era coiceiro.
As cigarras derretiam a tarde com seus cantos.
Meu irmão desejava alcançar logo a cidade -
Porque ele tinha uma namorada lá.
A namorada do meu irmão dava febre no corpo dele.
Isso ele contava.
No caminho, antes, a gente precisava
de atravessar um rio inventado.
Na travessia o carro afundou
e os bois morreram afogados.
Eu não morri porque o rio era inventado.
Sempre a gente só chegava no fim do quintal
E meu irmão nunca via a namorada dele -
Que diz-que dava febre em seu corpo.

Fonte:

http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_infantil/manoel_de_barros.html



RESENHA: A poesia e Educação Ambiental em Manoel de Barros

Rodrigo da Costa Araujo

Professor universitário, doutorando em Literatura Comparada (UFF) e Coordenador Pedagógico de Língua Portuguesa da Secretaria Municipal de Educação de Macaé

A Educação Ambiental & Manoel de Barros: diálogos poéticos (2012), de Elizabete Oliveira, é um exercício criativo de leitura que aproxima, como o próprio título paratextual indica, a poesia de Manoel de Barros e a Educação Ambiental. Os diálogos, pelo viés da educação comparada, pretendem constituir fricções, semioses, saberes distintos que primam por novas perspectivas de aprendizagens.

A obra apresenta, pela matriz da fenomenologia e do surrealismo, as conexões entre Educação Ambiental e poesia como uma das vias possíveis para a criação de uma possibilidade sensível contra os poderes hegemônicos. Com essas premissas, acredita-se que a fenomenologia do imaginário contribui para a compreensão de que a poética de Manoel de Barros faz emergir uma ciranda de saberes, em movimentada dinâmica sinestésica, que pressupõe novos olhares e sentidos às redes e enredos cotidianos.

Poesia e educação, nesse caso, estimulam pensar esse cotidiano, dentro e fora do espaço escolar, dos quais fazem parte não só os seres humanos, mas tudo o que ele compõe e dinamiza das vidas e não vidas do cosmo. A Educação Ambiental e a poética, por vias da fenomenologia, vai desbravando trilhas que melhor condizem com as expectativas humanas, segundo Elizabete Oliveira.

No primeiro capítulo – O nascimento da palavra –, a autora revela sua trajetória com a arte, com a poesia de Manoel de Barros e percepções relevantes da infância. Nesse contexto, misturam-se, além desse recorte, a Educação Ambiental e o encontro com a poesia do poeta mato-grossense, traçando algumas relações entre ambos.

Rabiscos e desenhos da palavra, o segundo capítulo da obra, apresenta percepções sobre a Educação Ambiental que acolhe os diferentes, estabelecendo um diálogo com autores que também ressaltam a necessidade da busca pela sensibilidade, num mundo que prima pelos bens tecnicistas. Esses estudiosos sustentam, de certa forma, o recorte da pesquisa e leituras que estabelecem diálogos entre Educação e poesia sobre a perspectiva fenomenológica, de Gaston Bachelard.

O terceiro capítulo, Construindo Linguagens, aborda o cenário híbrido da pesquisa, com base nos diálogos bibliográfico e fenomenológico, demarcadores da opção teórico-metodológica, que apresentam outros olhares sobre o recorte estudado e coisas do mundo. O capítulo lança várias indagações que efetivam o diálogo educação-poesia, ancoradas na abordagem de estudiosos que ressaltam a importância da literatura e da fenomenologia no mundo contemporâneo.

Tessituras de sentidos, o penúltimo capítulo, descreve as características do ciclo das águas do pantanal, a fim de buscar sentidos e proximidades com a poética de Manoel de Barros e contribuir com a discussão ecológica. Esse olhar para a poesia de Barros, segundo Elizabete, aproxima-se da liberdade de Paulo Freire: poesia e educação irrompem muitas fronteiras em busca de “inéditos viáveis”. Tal compreensão permite perceber a urgência da busca por elementos sensíveis que contribuam para a superação de conceitos que nos foram imputados por décadas no que se refere ao trato com a natureza. Pela/com a poesia, acredita a estudiosa, pode-

se acionar os dispositivos sensoriais para colaborar com uma visão menos utilitarista da natureza e evidenciar, assim, percepções que podem contribuir com uma aprendizagem mais efetiva no cuidado com o sujeito e com as coisas do mundo.

No quinto e último capítulo, Projetando sonhos, a autora projeta esperanças para o campo da educação formal. Esse momento da pesquisa aponta considerações sobre o recorte utilizado e tenciona alçar voos que ressignifiquem o processo ensino-aprendizagem, na percepção de que a poesia pautada na visão surrealista privilegia a criação e, independentemente de sentidos, propicia múltiplas concepções do fazer pedagógico.

A Educação Ambiental, intrínseca na trajetória da obra, tal qual a poética de Manoel de Barros, não percebe o ser humano desvinculado do meio ambiente e considera, portanto, uma educação que contemple os anseios coletivos, sociais. Dessa forma, os diálogos poesia-educação que contemplam a obra despertam a possibilidade de perceber que há uma rede de sentidos possíveis que se pode criar acerca do fenômeno. Tais percepções devem ser agregadas à complementação do conhecimento e à superação das barreiras impostas ao ser humano, principalmente no que se refere ao bem-estar do indivíduo na sociedade de consumo.

Esses diálogos poéticos, fricções ou aproximações são exercícios de pensar, por meio da poesia, ações pedagógicas significativas no que dizem respeito à Educação Ambiental. Eles privilegiam o olhar inebriado sobre educação comparada, brincadeiras de bem-fazer e encontro, depósito de razões, reflexões, práticas pedagógicas que transgridem a sala de aula. O ensaio de Elisabete Oliveira exercita-se para a difusão da poesia, para dar a conhecer sobre a Educação Ambiental, pois prefere por meio dela e dos afetos promover o encontro humano com a literatura, com o cotidiano que ela proporciona.

A Educação Ambiental & Manoel de Barros: diálogos poéticos, além de exaltar a poética de Manoel de Barros, ressalta que o ambiente natural não é composto apenas de seres humanos, mas envolve outros elementos que igualmente participam do cosmo e que podem ser lidos de outro jeito, dentro e fora da escola. A vida percebida por esse prisma, portanto, envolve fatos e atos, que se imbricam com a natureza de forma natural.

Referências bibliográficas

BARROS, Manoel. Poesia Completa. São Paulo: Leya, 2010.

OLIVEIRA, Elizabete. A Educação Ambiental & Manoel de Barros: diálogos poéticos. São Paulo: Paulinas, 2012.

Fonte: <http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/literatura/0169.html>

CIRANDA APOEMA:

www.apoema.com.br

[Www.revistaea.org](http://www.revistaea.org)

[Www.amigosdanatureza.net](http://www.amigosdanatureza.net) (parceiro)

[Http://projetoapoema.blogspot.com/](http://projetoapoema.blogspot.com/)

Informativo elaborado por:

Projeto Apoema: www.apoema.com.br

Edição: Berenice Gehlen Adams

Jornalista Resp.- Alice Gehlen Adams

Mtb 12690

Contato: bere@apoema.com.br

Participe, envie sugestões ou conte sua experiência!